
VIVÊNCIAS DE PRAZER E SOFRIMENTO NO TRABALHO: O CASO DE POLICIAIS MILITARES DE UMA CIDADE DO INTERIOR

Dara Heleno da Silva
Adriana Ventola Marra

RESUMO

Considerando o fenômeno de interiorização do crime, este artigo se propõe a analisar as vivências de prazer e sofrimento no trabalho de policiais militares de uma cidade do interior de Minas Gerais, a luz da psicodinâmica do trabalho. A pesquisa caracteriza-se por um estudo qualitativo descritivo. A corporação militar estudada contava com 12 policiais militares, dos quais sete participaram da pesquisa. Os dados foram coletados por entrevistas semiestruturadas e analisados por análise de conteúdo. Como resultados, identificou-se que as vivências de prazer estão associadas ao local de trabalho, sentimento de utilidade, reconhecimento e relacionamentos interpessoais. A respeito do sofrimento, foram destacados: falta de reconhecimento social, remuneração, medo e interferência na vida pessoal. Concluiu-se a interiorização do crime não está associada às vivências de sofrimento.

Palavras-Chave: Prazer, Sofrimento, Policiais militares, Interiorização do crime.

VIVENCIAS DE PLACER Y SUFRIMIENTO EN EL TRABAJO: EL CASO DE POLICÍAS MILITARES DE UNA CIUDAD DEL INTERIOR

RESUMEN

Teniendo en cuenta el fenómeno de la internalización del delito, este artículo tiene como objetivo analizar las experiencias de placer y sufrimiento en el trabajo de los policías militares de una ciudad en el interior de Minas Gerais, desde la psicodinámica del trabajo. La investigación se caracteriza por un estudio descriptivo cualitativo. La corporación militar estudiada tenía 12 oficiales de la policía militar, siete de los cuales participaron en la encuesta. Los datos se recopilaron mediante entrevistas semiestruturadas y se analizaron mediante análisis de contenido. Como resultado, se identificó que las experiencias de placer están asociadas con: lugar de trabajo, sentimiento de utilidad, reconocimiento y relaciones interpersonales. En cuanto al sufrimiento, se destacaron los siguientes: falta de reconocimiento social, remuneración, miedo

e interferencia en la vida personal. La internalización del crimen no está asociada con las experiencias de sufrimiento.

Palabras clave: Placer, Sufrimiento, Policías militares, Interiorización del crimen.

LIVES OF PLEASURE AND SUFFERING AT WORK: THE CASE OF MILITARY POLICE OFFICERS OF A INTERIOR CITY

ABSTRACT

Considering the phenomenon of crime internalization, this paper aims to analyze the experiences of pleasure and suffering in the work of military police officers from a city in the interior of Minas Gerais, from the psychodynamics of work. The research is characterized by a qualitative descriptive study. The military corporation studied had 12 military police officers, seven of whom participated in the survey. Data were collected by semi-structured interviews and analyzed by content analysis. As results, it was identified that the pleasure experiences are associated with: workplace, feeling of usefulness, recognition and interpersonal relationships. Regarding suffering, the following were highlighted: lack of social recognition, remuneration, fear and interference in personal life. The internalization of crime is not associated with the experiences of suffering.

Keywords: Pleasure, Suffering, Military police officers, Internment of crime.

INTRODUÇÃO

A violência é um fator diariamente retratado e vivenciado nas cidades grandes, deixando cidadãos inseguros e amedrontados, e autoridades preocupadas. No entanto, atualmente, esse cenário apresenta-se também nas cidades pequenas, cujo índice de criminalidade aumentou expressivamente. Tal fenômeno é chamado de interiorização do crime. Isto significa que numa linha temporal, iniciada na década de 1980, tem-se observado uma nova distribuição espacial do crime com queda ou estagnação nas grandes metrópoles e um crescimento em outras regiões (SILVA, 2015; WAISELFISZ, 2016).

A respeito dos diferentes tipos de criminalidade que acometem as cidades pequenas do país, o que se percebe é que envolvem desde assaltos até homicídios. Muitas das ações dos

criminosos nas cidades pequenas recentemente têm se baseado em explosões e furtos de agências bancárias. Na cidade escolhida para estudo nessa pesquisa, que se trata de uma cidade do interior com apenas 6.600 habitantes (IBGE, 2010), desde 2014, também foram relatadas explosões a caixas eletrônicos e homicídios.

Concomitante a tal aumento da violência e criminalidade nas cidades pequenas, é notório um incremento de atividades para a força policial militar desses locais, ocasionando uma maior ação e relação dos policiais com a profissão que exercem. Dessa forma, em decorrência dos problemas ocasionados pela elevada taxa de violência, estudos sobre as instituições de segurança pública e militar têm se tornado relevantes, sob a ótica dos mais variados temas (NASCIMENTO; TORRES; CASTRO, 2015). Em vista disso, com o intuito de buscar a subjetividade do trabalho policial de cidades do interior frente ao aumento da violência e da criminalidade, esse estudo tem como intuito analisar as vivências de prazer e sofrimento no trabalho de policiais militares de uma cidade do interior de Minas Gerais, a luz da psicodinâmica do trabalho.

Griza e Cavedon (2016) ressaltam que as pesquisas que envolvem a segurança pública, em geral, abordam os aspectos objetivos do trabalho policial. As autoras acrescentam que tais pesquisas abordam, em sua maioria, as funções dos policiais, suas estratégias, a organização policial e seus discursos, bem como a formação e vocação dos policiais. Também destacam a importância de se abordar, como em qualquer ocupação profissional, a face subjetiva desse tipo de trabalho. Estudos alicerçados na Psicodinâmica do Trabalho buscam acessar essa dimensão subjetiva do trabalho. O estudo clínico de trabalho e sua psicodinâmica evidenciam que o trabalho chega ao cerne da saúde mental dos indivíduos (DEJOURS, 2014).

A Psicodinâmica do Trabalho estuda exatamente sobre a compreensão das possibilidades de sofrimento provocadas pelo ofício, além das relações de prazer que pode existir entre o trabalhador e o trabalho (JACQUES; CODO, 2011). Na concepção de Dejours, Abdoucheli e Jayet (2011), a Psicodinâmica do Trabalho engloba desde a compreensão das doenças mentais provocadas pelo trabalho até o entendimento da origem e desenvolvimento dos sofrimentos causados nos indivíduos ao exercerem suas ocupações profissionais. A

relação de um sujeito com seu trabalho não é "neutra", envolve um relacionamento subjetivo/psíquico que não depende apenas das características particulares do indivíduo, mas também da natureza e organização do trabalho (DEJOURS, 2014). Entende-se por organização do trabalho a divisão técnica e a divisão social. A divisão técnica é a divisão do processo de produção e a divisão de tarefas entre diferentes trabalhadores. E a divisão social ou humana do trabalho engloba a hierarquia, a disciplina, o comando, o sistema de punição e o de recompensa, e os métodos de gestão (DUARTE; DEJOURS, 2019).

Em busca realizada no portal de Periódicos CAPES, foram encontrados vários estudos nacionais recentes sobre o trabalho de policiais militares. Contudo, apenas quatro realizam suas pesquisas a partir da psicodinâmica do trabalho. Winter e Alf (2019) investigam os fatores que determinam vivências de prazer e sofrimento no cotidiano de trabalho de policiais do Rio Grande do Sul. Ferreira et al. (2017) verificam a percepção sobre os efeitos do trabalho no processo de adoecimento de policiais militares de Brasília. Carmo, Guimarães e Caeiro (2016) buscam compreender as vivências de prazer e sofrimento no trabalho de mulheres soldados em uma unidade da Polícia Militar de Minas Gerais (PMMG) Traesel e Merlo (2015) investigam as vivências coletivas de profissionais da brigada militar do Rio Grande do Sul e os impactos destas sobre sua saúde e subjetividade. Como lacuna de pesquisa a ser estudada, percebeu-se que nenhum destes estudos, buscou investigar as possíveis relações entre a interiorização do crime e o trabalho dos policiais militares de cidades pequenas.

Esse artigo encontra-se estruturado em cinco partes. A princípio, essa introdução, com uma apresentação do contexto e objetivos da pesquisa, seguida da fundamentação teórica com os principais conceitos englobados nela. Na sequência, são apresentados os procedimentos metodológicos que foram utilizados, depois os resultados da pesquisa e suas respectivas discussões. Na quinta parte, são levadas em conta as considerações finais sobre o estudo.

REFERENCIAL TEÓRICO

Concebida por Christophe Dejours, a Psicodinâmica do Trabalho (PDT) inicialmente buscava compreender a relação existente entre o trabalho e saúde mental dos que realizam o trabalho (DEJOURS, 1992, 2004, 2014, DEJOURS; ABDOUCHELI; JAYET, 2011; MACEDO; HELOANI, 2018; DUARTE; DEJOURS, 2019). Atualmente, a abordagem visa compreender a vida psíquica no trabalho, dando destaque ao sofrimento psíquico e às estratégias de defesa dos trabalhadores na tentativa de superar o sofrimento e transformar o trabalho em fonte de prazer (MACEDO; HELOANI, 2018; DUARTE; DEJOURS, 2019). Neste sentido, em entrevista, o próprio Dejours afirma que a busca da psicodinâmica do trabalho é pela compreensão do que os trabalhadores dizem, de qual é a sua relação com seu trabalho, e de como se relacionam com o real de seu trabalho (MACEDO; HELOANI, 2017).

Neste item, abordaremos sobre a Psicodinâmica do trabalho e as suas concepções de prazer e sofrimento, bem como traçaremos breves considerações sobre o trabalho dos policiais em si.

PSICODINÂMICA DO TRABALHO: CONCEPÇÕES SOBRE PRAZER E SOFRIMENTO

O desenvolvimento da PDT, de acordo com Mendes (2007), se deu em três fases. A primeira fase se sucedeu a partir do ano de 1980, com o marco da publicação “Travail, usure mentale – essai de psychopathologie Du travail” de Christophe Dejours, com o nome de psicopatologia do trabalho. A proposta de seus estudos era “preencher uma lacuna ao propor um espaço de discussão sobre as questões ligadas ao trabalho, saúde do trabalhador e sua mobilização subjetiva” (MACEDO; HELOANI, 2018, p.47).

A transformação de Psicopatologia do Trabalho para Psicodinâmica do Trabalho se deu na segunda fase, em meados dos anos de 1990. Concomitante a essa passagem, foi desenvolvido um estudo com foco no trabalho como construtor de identidades e na questão de reconhecimento (MENDES, 2007). Por fim, ainda segundo Mendes (2007), a última fase, no final da década de 1990, foi caracterizada pela nomeação da psicodinâmica do trabalho como uma abordagem científica. Nessa última fase, os estudos concentram-se na compreensão acerca do prazer e do sofrimento dos indivíduos em seus ofícios, além de buscar entender

como o trabalhador pode lidar com essas circunstâncias superando o sofrimento e transformando o trabalho em fonte de prazer (MACEDO; HELOANI, 2018; DUARTE; DEJOURS, 2019).

Ao definir trabalho, Dejours (1992, 2004, 2005, 2006, 2012) ressalta as divergências entre o trabalho prescrito e o trabalho real. Para Dejours (2005, p. 43) o trabalho real é aquele que não pode ser realizado somente a partir das prescrições, é aquilo que deve ser “ajustado, rearranjado, imaginado, inventado, acrescentado pelos homens e pelas mulheres para levar em conta o real do trabalho”. O trabalho prescrito tem o efeito de modular as práticas no trabalho e delimitar os campos de ação. Dejours (2004, 2005, 2006) destaca o processo de trabalho é o investimento subjetivo necessário para concluir uma atividade, ou seja, implica em gestos, know-how, envolvimento do corpo e da inteligência, capacidade de analisar, interpretar e reagir a situações. Neste sentido, é necessário transgredir as prescrições. E o trabalhador, ao transgredir as prescrições e criar estratégias relevantes diante das dificuldades encontradas na sua tarefa, realiza o “real” do trabalho. Mas quando ele está impossibilitado de compartilhar com os colegas os truques encontrados para superar tais dificuldades, podem surgir problemas, principalmente porque o trabalhador pode sofrer retaliações, se houverem falhas (LACMANN et al., 2019).

Ao experimentar o “real” do trabalho, o trabalhador pode se ver diante da fadiga, habilidades insuficientes, regras ou instruções organizacionais contraditórias ou excessivas ou ocorrência de eventos inesperados (DEJOURS, 2004, 2005, 2012). A PDT estuda esta experiência do trabalhador com o “real” do trabalho que tem o efeito de sofrimento e a maneira pela qual esse efeito pode - ou não - ser sublimado (DASHTIPOUR; VIDAILLET, 2017).

Neste sentido, o “real” do trabalho se dá por meio de um elemento surpresa negativo. Portanto, esse confronto com o real envolve um sofrimento no trabalho (DEJOURS, 1992, 1996, 2004, 2009). No caso do sofrimento, Dejours, Abdoucheli e Jayet (2011) compreendem que este acontece em situações onde a relação do trabalhador com seu ofício começa a ser impedida de fluir, principalmente por motivos de organização do trabalho. Segundo os

autores, o sofrimento começa a se manifestar e causar desprazer e tensão para os indivíduos nos momentos em que “a energia pulsional que não acha descarga no exercício do trabalho se acumula no aparelho psíquico” (DEJOURS; ABDOUCHELI; JAYET, 2011, p.29).

Ressalta-se que o sofrimento não é o ponto final nem o resultado final do processo que relaciona a subjetividade ao trabalho. O sofrimento é visto como um ponto de partida, pois coloca o trabalhador em movimento, mobilizando sua inteligência e seu corpo. O sofrimento pode levar à implantação da “inteligência prática” inventiva (DASHTIPOUR; VIDAILLET, 2017). Este sofrimento é denominado criativo; mas o trabalhador também pode esbarrar nas soluções que, para os indivíduos, são prejudiciais à saúde e à produção, o que caracteriza o sofrimento patogênico (DEJOURS, 1996, 2014; DEJOURS; ABDOUCHELI; JAYET, 2011). O sofrimento patogênico é aquele “que emerge quando todas as possibilidades de adaptação ou de ajustamento à organização do trabalho pelo sujeito, para colocá-la em concordância com seu desejo, foram utilizadas, e a relação subjetiva com a organização do trabalho está bloqueada” (DEJOURS; ABDOUCHELI; JAYET, 2011, p. 127). O sofrimento patogênico diz respeito a uma modalidade que traz ao sujeito soluções desfavoráveis à saúde, tais como doenças. Por sua vez, o sofrimento criativo atua transformando esse estado em criatividade e auxiliando o indivíduo no seu equilíbrio psíquico (DEJOURS, 1996, 2014). Quando o sofrimento no trabalho pode ser transformado em prazer e empoderamento, o trabalho se torna uma experiência emancipatória que sustenta a saúde (DASHTIPOUR; VIDAILLET, 2017).

Diante do exposto, organização do trabalho tem papel crucial neste processo. A organização do trabalho exerce sobre o trabalhador ações específicas, podendo ocasionar problemas em sua saúde mental (DEJOURS; ABDOUCHELI; JAYET, 2011). Os autores destacam que dependendo de como o trabalho é organizado, pode facilitar a resolução de problemas e o enfrentamento de situações imprevistas ou, dificultar a ação do profissional definindo regras que impossibilitam sua ação, a plena utilização de suas competências e de sua criatividade. Entende-se por organização do trabalho a divisão técnica e a divisão social. A divisão técnica é a divisão do processo de produção e a divisão de tarefas entre os

diferentes trabalhadores. E a divisão social ou humana do trabalho engloba a hierarquia, a disciplina, o comando, o sistema de punição e o de recompensa, e os métodos de gestão (DUARTE; DEJOURS, 2019). Dentro da organização do trabalho, na divisão social, os autores destacam a avaliação de desempenho individual, que se pautada pela medida quantitativa de desempenho quantitativo pode tornar-se um pretexto para o assédio moral e um instrumento de manipulação dos superiores para com os subordinados. Outro exemplo citado por Dejours, Abdoucheli e Jayet (2011) é a pressão sofrida pelos indivíduos em seus postos de trabalho.

Ainda na divisão social, destaca-se que o reconhecimento – como método de gestão - não se aplica ao trabalhador como ser humano. O que o trabalhador deseja é que sua atividade e a qualidade de seu trabalho sejam reconhecidas. Somente depois que a pessoa cujo trabalho foi reconhecido pode trazer o que se aplica à dimensão do "fazer" para a do "ser", ou seja, sentir seu senso de identidade crescendo e se tornando mais forte e mais sólido. Dessa forma, o reconhecimento é capaz de transformar o sofrimento no trabalho em prazer (DEJOURS, 2014). A PDT articula o papel da organização do trabalho e a importância do coletivo de trabalho na superação e na transformação do sofrimento (DASHTIPOUR; VIDAILLET, 2017).

Para Mendes e Cruz (2004), além da organização do trabalho, as vivências de prazer e de sofrimento articulam a subjetividade do trabalhador e a coletividade (MENDES; CRUZ, 2004). Compreendendo como subjetividade do trabalhador, a história pessoal, desejos e necessidades; e como coletividade, as relações interpessoais, envolvendo todos os níveis hierárquicos e prescrições de convivência no trabalho. Dejours (2004, 2005, 2006) ressalta que o prazer é vivido no trabalho quando há uma combinação e adequação das necessidades e dos desejos psicológicos do trabalhador, juntamente à organização em que ele está inserido.

Segundo Dejours, Abdoucheli e Jayet (2011), para que o indivíduo consiga superar o sofrimento no emprego e alcance um equilíbrio psicológico, se faz necessária uma intervenção na organização, nas condições e nas relações do trabalho. Esse equilíbrio psicológico preservado e mantido pelos indivíduos nas situações degradantes de exercer suas

funções concentra-se entre os constrangimentos do trabalho e as defesas psíquicas utilizadas por eles (DEJOURS; ABDOUCHELI; JAYET, 2011). Dessa forma, para que ocorra essa constância psíquica na relação com o trabalho, é preciso que os funcionários possuam boas estratégias e mecanismos de defesa. Jacques e Codo (2011) e Morrone (2001) mencionam ainda que é através dessas estratégias de defesa utilizadas pelos sujeitos nas situações de trabalho que pode ser possível descobrir e compreender o sofrimento vivenciado pelos mesmos.

Esses mecanismos e estratégias podem ser individuais ou coletivos. De acordo com Dejours, Abdoucheli e Jayet (2011) os mecanismos de defesa são individuais e as estratégias são coletivas. Segundo Oliveira e Mendes (2014, p.4), os mecanismos de defesa individuais “são caracterizados pelos mecanismos de defesa operantes, os quais estão interiorizados e operam mesmo sem a presença do outro”. Para Dejours (2006), são cruciais esses mecanismos para a adaptação ao sofrimento, porém abrangem apenas o individual. No que diz respeito às estratégias de defesa coletivas, são estabelecidas em conformidade com grupos de trabalhadores e se baseiam nas condições externas ao sujeito (DEJOURS; ABDOUCHELI; JAYET, 2011).

TRABALHO POLICIAL

Conforme a Constituição de 1988, no artigo 144, parágrafo 5º, “às polícias militares cabem a polícia ostensiva e a preservação da ordem pública” (BRASIL, 1988, p. 120). Além dessa missão constitucional, cabe aos policiais a execução de diversas outras tarefas que acabam por sobrecarregá-los, dificultando, assim, o sucesso na suas funções principais (MINAYO, 2008).

Destaca-se a própria organização da polícia militar. Ressalta-se que “a polícia apresenta como sustentáculos de sua estrutura os pilares da hierarquia e da disciplina, ou seja, a ênfase na obediência às regras de trabalho” (NASCIMENTO; TORRES; CASTRO, 2015, p. 156). Tal fato, leva aos policiais, segundo os autores, a atuarem, na maioria das situações,

seguindo os princípios institucionais, podendo gerar divergências quanto aos anseios da sociedade e os seus pessoais.

Por tais situações de divergência, os policiais militares convivem com o estresse, medo e falta de reconhecimento da população. O alto nível de estresse se deve muito a sobrecarga e também pelas relações interpessoais sustentadas por hierarquia enrijecida e disciplina militar (SOUZA et al, 2012). Segundo os autores, tais condições de trabalho refletem diretamente no psicológico e até no físico dos policiais.

Também são características inerentes ao trabalho policial o risco, a imprevisibilidade e a violência (GRIZA; CAVEDON, 2016; OLIVEIRA; FAIMAN, 2019). Os riscos devem-se a fatores próprios da função, uma vez que tal atividade é perigosa e audaciosa, exigindo dos policiais estarem alertas duplamente, cuidar da segurança da sociedade e da própria segurança. Assim, suas rotinas e atividades são perpassadas pelo medo. Segundo Griza e Cavedon (2016) os policiais têm medo acerca de suas próprias vidas e de seus entes, uma vez que os riscos da atividade não ocorrem apenas no momento do trabalho. Desta forma, tal exposição ao risco tem repercussões significativas no modo como os policiais criam e mantêm os laços sociais, os relacionamentos, a inserção na comunidade e o contato com a família (OLIVEIRA; FAIMAN, 2019).

Por fim, a desvalorização do policial por parte da instituição e a falta de reconhecimento social também são características impregnadas na figura policial (MINAYO; SOUZA, 2003; MINAYO, 2013). Logo, esses fatores são importantes, uma vez que, conforme as autoras, eles podem determinar a eficiência do trabalho policial.

Ademais, a atuação policial vem sendo disseminada na sociedade, seja pela mídia ou por outros meios de comunicação, com duplo sentido, já que ora os policiais são associados a heróis, ora são vistos como vilões. Ou seja, em determinados momentos, são expostas suas atuações de combate a crimes, enquanto que em outras situações são considerados como corruptos e exterminadores de inocentes (SPODE; MERLO, 2006). Dessa forma, segundo os autores, são vistas somente essas realidades do trabalho de um policial, e não são

reconhecidas as situações que eles se expõem através delas, uma vez que eles atuam na contenção da violência, ao mesmo tempo em que podem reproduzi-la ou se tornarem vítima da mesma. Ferreira et al. (2017, p. 1822) acrescentam a este quadro que a “cadeia de comunicação formal e rígida, típica da organização militar, limita a comunicação direta e aberta dos subordinados com as chefias”. Tal fato, segundo os autores, aumenta as redes de comunicação informais, disseminando as tragédias pessoais e instituindo a racionalização da violência, como justificativa para a atuação dos policiais de forma mais “truculenta”. Em vista dessa dualidade de cenário em que se encontram os policiais militares, é compreendido o fato de eles poderem assumir tanto relações de prazer quanto também de sofrimento no trabalho que executam.

No que se refere a estudos nacionais recentes, sobre o trabalho de policiais militares a luz da PDT, destacaram-se as pesquisas de Winter e Alf (2019), Machado, Traesel e Merlo (2015), Ferreira et al. (2017) e Carmo, Guimarães e Caieiro (2016).

Em pesquisa recente sobre o trabalho dos policiais militares do Rio Grande do Sul, Winter e Alf (2019) afirmaram que as vivências de sofrimento estão associadas ao fardamento desconfortável e o descontentamento com o quadro de funcionários. Por sua vez, as vivências de prazer vinculam-se a autonomia no atendimento às ocorrências. Os autores também identificaram as estratégias de defesas utilizadas pelos policiais pesquisados, a saber: a resiliência, a sublimação e a não verbalização do sofrimento, sustentado pelo recurso simbólico da virilidade reforçada pela cultura gaúcha. Outro estudo também realizado no Rio Grande do Sul, com a brigada militar, Machado, Traesel e Merlo (2015) destacam como vivências de sofrimento a rotina de trabalho intensa, o estresse, o desgaste físico e emocional, e o não reconhecimento e valorização pela comunidade e pelos superiores.

No caso dos policiais militares de Brasília, as vivências de sofrimento referem-se a exaustão física e emocional, a falta de valorização e falta de reconhecimento (FERREIRA et al., 2017). Os autores destacam também a insensibilidade quanto a dor alheia e a banalização da violência como estratégias dos policiais para suportar o sofrimento no trabalho. Carmo, Guimarães e Caieiro (2016), em pesquisa com policiais militares mulheres, acrescentam que,

além das vivências evidenciadas nos demais estudos, as mulheres pesquisadas relatam a necessidade de apresentar comportamentos masculinizados e que são excluídas de certas operações policiais como sofrimento.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo caracterizou-se por ser qualitativo e descritivo. O método de pesquisa preconizado pela PDT pressupõe o envolvimento entre o pesquisador e o grupo de trabalhadores pesquisados, bem como a construção coletiva do conhecimento no que se refere as relações entre os trabalhadores e a organização do trabalho (MACEDO; HELOANI, 2018; DUARTE; DEJOURS, 2019). Por esta razão optou-se pela pesquisa qualitativa, que possibilita analisar os significados das relações humanas a partir de diferentes pontos de vista, reconhecendo que os achados são oriundos de interações entre os pesquisadores e os sujeitos pesquisados e enfocando as observações feitas pelos participantes a respeito de suas percepções (STAKE, 2016).

O universo da pesquisa foi composto por todos os policiais militares ativos da cidade, sendo este município - uma cidade do interior de Minas Gerais - escolhido por acessibilidade. A atual polícia militar da cidade pesquisada contava com doze policiais, na época da pesquisa, sendo todos do sexo masculino.

Foi utilizada a entrevista semiestruturada, com intuito de captar as percepções dos policiais militares quanto às vivências que eles possuem na função que exercem. O contato com os policiais se deu de forma presencial no batalhão que eles fazem parte, sendo todos convidados a participar da pesquisa. Porém, apenas sete se disponibilizaram a participar do estudo. As entrevistas foram feitas nas salas dos policiais dentro do batalhão da polícia militar e levaram em torno de 30 minutos de duração cada. Além disso, todos os diálogos foram gravados, com a autorização dos participantes, e posteriormente transcritos. Após a realização das entrevistas e a análise preliminar dos dados, foi elaborado um relatório de pesquisa e enviado aos participantes para a validação do mesmo. Foram realizadas as correções propostas pelos participantes, para a elaboração deste artigo.

Na realização da pesquisa, foi preservado o anonimato dos participantes, a fim de se evitar qualquer retaliação decorrente da participação deles no estudo. Nesse sentido, todos os participantes estão representados nas análises por nomes fictícios. No quadro 1, são apresentados os entrevistados com nomes fictícios, idade, tempo trabalhando na polícia militar (PM) e tempo trabalhando dentro da polícia militar da cidade pesquisada.

Quadro 1 - Perfil dos Entrevistados

Policiais Militares	Idade	Tempo na PM	Tempo na PM na cidade
Harison	33 anos	11 anos	1 ano
Kaio	33 anos	11 anos	11 anos
Lucas	45 anos	25 anos	6 anos
Marco	47 anos	25 anos	3 anos
Messias	34 anos	6 anos	6 anos
Pedro	40 anos	15 anos	8 anos
Thalles	35 anos	14 anos	5 anos

Fonte: Elaborada pelos autores (2018).

Destaca-se que os entrevistados possuíam em média 38 anos de idade, sendo o mais jovem com 33 anos e o mais velho com 47 anos. O tempo médio de polícia militar era de 15 anos, sendo que apenas um está a menos de 10 anos na corporação. Quanto ao tempo de atuação na cidade pesquisada, dois (Kaio e Messias) sempre atuaram na cidade, e os demais vieram de outros municípios, sendo que Harison está a apenas um ano na cidade.

Os dados foram analisados por meio da análise de conteúdo, seguindo as etapas propostas por Bardin (1977), que são pré-análise, exploração de material e tratamento dos dados, inferência e interpretação. Na primeira etapa, pré-análise, foi realizado o primeiro contato com as entrevistas realizadas e foram levantadas algumas considerações e possibilidades de resultados. Na segunda fase, foram traçadas as categorias iniciais e identificadas as unidades de registro (exploração dos materiais) que compuseram a análise. Com os dados, as categorias e as unidades de registro delineadas, foi feita a terceira fase que

diz respeito à interpretação, inferência e descrição da análise de conteúdo da presente pesquisa. Logo, compararam-se as unidades coletadas à luz da psicodinâmica do trabalho, condensando os depoimentos dos policiais entrevistados e destacando as principais informações. Desta forma foram definidas, a priori, as categorias terminais de análise dos dados: (1) vivências de prazer no trabalho, (2) vivências de sofrimento no trabalho e (3) estratégias e mecanismos de defesa.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

VIVÊNCIAS DE PRAZER NO TRABALHO

Ao se tratar da organização do trabalho como fonte de prazer, os policiais entrevistados referiram-se à carga de trabalho. Nessa questão, levou-se em conta também o contexto que inspirou a realização desta pesquisa, que foi o aumento da criminalidade e violência na cidade estudada, seguindo o processo de interiorização do crime. Contudo, de acordo com quatro dos entrevistados, a carga de trabalho na cidade referente à pesquisa é leve. Isso porque, de acordo com eles, o número de ocorrências ainda é pouco. Alguns disseram que a caracterização da carga de trabalho depende de alguns fatores, tais como as ocorrências recebidas no dia e o período de trabalho em que eles estão escalados, visto que estes fatores podem influenciar no estado físico deles.

Aqui nesta cidade ela é leve, com poucas ocorrências. (KAIO)

É muito relativo, porque tem dia que é pesada, tem dia que é tranquilo. (THALLES)

Desta forma, nesta pesquisa, verifica-se que a sobrecarga de trabalho, considerada como determinante de sofrimento nos estudos de Souza et al (2012) e Minayo (2008), apresenta-se como vivência de prazer. Os policiais reconhecem a interiorização do crime, principalmente a partir dos seguintes fatores: o maior conhecimento que as pessoas têm tido sobre a cidade – fez parte do processo de expansão universitária a partir do REUNI - e a facilidade de acesso da capital à cidade.

Todavia, Harison, mesmo percebendo um aumento da criminalidade na cidade, considera-o mínimo, pois segundo ele “nós estamos entre as 10,12 cidades mais tranquilas do estado de 853 municípios”. Na visão de Kaio, esse aumento da criminalidade nem ocorreu, já que as ocorrências mais graves ocorrem esporadicamente. Segundo Harison, com o aumento da criminalidade, ele e seus colegas de trabalho tiveram de mudar o estado de prontidão para o de alerta, e além disso, devem ficar atentos aos lugares que frequentam, devido ao perigo que podem estar submetidos. Messias, por sua vez, acredita que esse aumento da criminalidade resulta em mais receios por parte dos policiais devido aos embates que devem enfrentar, além de serem considerados em algumas situações pela sociedade como os heróis.

Os policiais, num efeito de comparação, não percebem o aumento e a influência da criminalidade na cidade, por já estarem habituados com o alto nível de criminalidade em outras cidades, visto que a maioria dos agentes já trabalhou em outros municípios, maiores e com mais crimes.

Todos os policiais entrevistados relatam vivências de satisfação no trabalho. Destacam-se dois tipos de satisfação: a de ser um policial militar e a de estarem atuando na cidade do interior. Nota-se que, além da satisfação ser policial, o que mais tem causado prazer é exatamente o fato de estarem lotados na cidade pesquisada, pois para eles é uma cidade tranquila, a qual proporciona uma boa qualidade de vida e ainda possui baixo índice de criminalidade, se comparado às cidades próximas, como relata Marco:

Na verdade, na polícia militar em si, tanto na corporação, quanto na cidade, porque a cidade é uma cidade muito boa. Por ser uma cidade de interior é um local ótimo para trabalhar. (MARCO)

Os sete policiais afirmaram adorarem ser policiais. Para Harison, Thalles e Kaio, o gosto pelo trabalho é tido a partir do contato comunitário que a função lhes permite, e ainda por poder ajudar a sociedade, vinculado ao prazer de poder se sentir útil e produtivo. Além de poder ser útil à sociedade, para Kaio, outro fator que o faz gostar da sua profissão “é o desejo de ser policial desde a infância”. O desejo de infância vem do imaginário social do policial como um herói (SPODE; MERLO, 2006). O reconhecimento da utilidade social do trabalho como fator que propicia vivências de prazer surge do julgamento de suas ações por si e pela sociedade, como afirma Dejours (2012). Ter o reconhecimento da serventia da sua

profissão pela população deixa-os realizados. Desta forma, serem reconhecidos pelo seu trabalho os conduz da dimensão do "fazer" para a do "ser" (DEJOURS, 2014), ou seja, sentem a identidade de policial militar cada vez mais sólida. Na vivência apresentada por Harison a seguir, é possível observar o quão ser valorizado o deixa contente em sua profissão.

E semana passada eu tive outra satisfação, fui ao fórum e o juiz chegou pra mim "qual é a conduta desse jovem?". Aí eu disse pra ele "ele melhorou muito". "Ah, por quê?" "Não, ele está trabalhando". "Então por que ele cometeu delito, pegou com droga?" "Não, realmente ele é usuário, tá fraco e tal...". Aí eu tinha ido ao clube, encontrei com a esposa dele, a esposa dele chegou chorando, "nossa, que bom que você falou bem do meu marido". (HARISON)

Muitas vezes, nessas situações de servir à sociedade, os policiais se colocam em posição de heróis, por mais que, conforme Messias, eles não sejam reconhecidos sempre assim pelo corpo social. No entanto, como heróis, eles acreditam poder mudar o contexto da vida de algumas pessoas, conforme discorre Lucas na fala a seguir.

Na verdade, a minha melhor recompensa é isso aí, você vê no olho do próximo que você, naquele momento que ele estava angustiado, naquele momento que ela estava passando por algum apuro, você chegou ali, você trouxe para ela algo assim de segurança, transmitiu segurança. (LUCAS)

Em relação ao reconhecimento profissional foi possível observar que todos os policiais também percebem o reconhecimento pelos chefes e colegas de trabalho. Os policiais identificam o reconhecimento por parte das chefias e colegas de trabalho através dos benefícios oferecidos, salário, pelo bom convívio diário, por folgas, por nota meritória e elogios. Assim como no reconhecimento profissional por parte da chefia e colegas de trabalho, percebe-se também ocorrer prazer pelo reconhecimento familiar que os policiais dizem possuir na profissão.

Então isso é um reconhecimento, um elogio da parte do seu comando, um reconhecimento pela nota meritória que você realizou diante da sociedade. (MARCO)

Todo mundo quer saber como foi meu dia quando eu visito meus pais. Eu acredito que eles gostam que eu seja policial, apesar de ficarem muito preocupados. Mas eu vejo que eles me dão apoio sim. (KAIO)

No relato de Kaio, constata-se que sua família apoia sua profissão e ainda se orgulha, porém é algo que lhes traz preocupação, devido ao risco de vida que Kaio se expõe para garantir a segurança da sociedade. Na concepção de Lucas "quando a pessoa se preocupa com você, eu acho que é a questão de um reconhecimento". Pedro se sente reconhecido por ser

sempre lembrado por seus familiares como alguém de referência. De acordo com ele, “tudo eles falam: ah, vai no Pedro que ele é polícia”. Para os demais policiais, é através do afeto, compreensão, convívio e entrega da família que eles são reconhecidos.

Ao analisar, as vivências de reconhecimento anteriormente relatadas pelos entrevistados, percebeu-se que o reconhecimento é um dos fatores capaz de transformar o sofrimento em prazer. É isto o que acontece com estes policiais pesquisados. Como afirma a literatura, quando o sofrimento no trabalho pode ser transformado em prazer e empoderamento pelo reconhecimento, o trabalho se torna uma experiência emancipatória que sustenta a saúde (DASHTIPOUR; VIDAILLET, 2017).

No que tange a realização profissional, seis dos policiais relatam se sentirem realizados, sendo esta mais uma vivência de prazer. Tal realização pode ser exemplificada na fala de Kaio.

É isso, no final do dia a gente se sente realizado porque foi mais um dia que a gente se deu bem, que a gente não tomou tiro, não causou nenhum transtorno e a gente vê que o nosso trabalho teve efeito. (KAIO)

Nota-se que apesar de relatar uma vivência de prazer, neste fragmento da fala de Kaio, as contradições aparecem a partir do medo implícito do policial quanto à perda ou dano da própria vida na execução de seu ofício. Como visto no referencial, o medo está presente para a maioria dos policiais que considera se expor durante suas atividades (GRIZA; CAVEDON, 2016). Assim, conseguir terminar o dia vivo e com saúde se transforma numa vivência de prazer para estes policiais.

Para Lucas, sua realização consiste naquilo que ele já conseguiu alcançar com a polícia militar, seja na sua vida pessoal ou até profissional. Nesse sentido, ele apresenta em seu discurso um sentimento de gratidão, pois “tudo que eu tenho hoje eu agradeço a PM”.

O envolvimento efetivo nas funções da polícia militar é um dos aspectos que realiza Marco. Para Dejours (1992, 1996, 2004) é a partir desse envolvimento que se consegue tornar o trabalho prazeroso ao trabalhador. Além de se realizar profissionalmente pelo trabalho em si, Marco reforça que “estar trabalhando na cidade me trouxe também uma realização pessoal, também do lado [...] familiar.”

No que se refere as relações interpessoais, buscou-se conhecer como é o convívio dos policiais com suas chefias e colegas de trabalho. Todos os entrevistados afirmaram possuir

uma relação positiva com os membros da organização. Na opinião de Harison, o relacionamento que ele possui junto aos seus parceiros de trabalho não resume-se apenas em vínculo de amizade, pois “entre nós tem até um vínculo familiar um com o outro”. Portanto, é possível perceber o prazer destes policiais através de um laço afetivo e mais íntimo existente entre eles e os demais colegas de trabalho. Além disso, para Harison, essa boa relação ocorre devido à corporação ser composta por poucos policiais, permitindo, assim, esse convívio mais próximo.

Messias, Pedro e Harison acreditam ser possível identificar esse bom convívio entre eles, através das confraternizações externas que eles promovem. Assim sendo, para eles os colegas de trabalho não são meros indivíduos os quais devem lidar no dia a dia do trabalho, pelo contrário, eles possuem um laço que extrapola o vínculo e ambiente de trabalho, de forma que promovam momentos externos ao serviço para poderem estar juntos, Pedro discorre essa situação:

Olha, aqui no quartel, aqui a gente é como irmão um para o outro, não se restringe só no âmbito do trabalho não. A gente expande além do horário do trabalho, a gente se encontra, bebe refrigerante, pizzaria, cerveja, faz uma bagunça. (PEDRO)

Mediante os relatos foi possível perceber a união entre os policiais, que vai além do ambiente de trabalho e transcende para eventos pessoais do dia a dia dos mesmos. Além disso, é visível o companheirismo e a preocupação que existe uns com os outros.

Em suma, as principais vivências de prazer no trabalho dos policiais militares entrevistados estão ligadas à satisfação na profissão, ao gostar do que se faz, ao sonho acalentado desde a infância, ao reconhecimento da família, dos colegas e chefias, a utilidade social de seu trabalho, ao bom ambiente no trabalho, ao fato de trabalharem numa cidade ainda tranquila e com uma carga adequada de trabalho. Contudo, alguns destes itens também os remetem às percepções de sofrimento. Assim, como afirma Dejours (1992, 1996, 2004, 2006) o prazer e o sofrimento são indissociáveis.

VIVÊNCIAS DE SOFRIMENTO NO TRABALHO

A organização do trabalho exerce sobre o trabalhador ações específicas, podendo ocasionar problemas em sua saúde mental, a partir de vivências de sofrimento (DEJOURS;

ABDOUCHELI; JAYET, 2011, DEJOURS, 2014, DASHTIPOUR; VIDAILLET, 2017, DUARTE; DEJOURS, 2019). Se o trabalho dos policiais militares é organizado de modo a dificultar a ação deste profissional definindo regras que impossibilitam sua ação, a plena utilização de suas competências e de sua criatividade, tem-se o sofrimento no trabalho. Esta é exatamente a vivência relatada pelos policiais pesquisados no que se refere a legislação e ao Código Penal Brasileiro. Thalles relata que as leis que não contribuem para a eficiência de suas funções, dificultando suas ações.

Você prende e devido ao nosso organograma político eles soltam no mesmo dia, no outro dia eles estão roubando aí de novo. (THALLES)

A crítica dos policiais esbarra no próprio sistema judiciário brasileiro que dificulta suas ações. Para ilustrar, tal vivência de sofrimento os policiais também usaram a expressão “enxuga gelo” para caracterizar suas funções, ou seja, remetem a própria inocuidade de seu trabalho como policial militar, diante de uma organização do trabalho que dificulta sua ação de combate ao crime e manutenção da segurança da população.

Outro fator ressaltado na organização do trabalho é a quantidade de trabalhadores. Na percepção de Lucas e Messias, uma das dificuldades que eles enfrentam na PM é a falta de policiais, tendo em vista que essa deficiência de logística humana influencia no desempenho deles na função. A falta de pessoal é incrementada pela falta de recursos materiais. Tais problemas foram recorrentes em outros estudos (WINTER; ALF, 2019). Segundo Marco, a situação de falta de pessoal e material fica ainda mais evidente pela estrutura da cidade pesquisada.

Se por um lado, o trabalho pode se tornar fonte de prazer quando existe uma gratificação financeira justa. Por outro, a ausência de reconhecimento retratada na retribuição financeira injusta é fonte de sofrimento. Salários baixos significam falta de reconhecimento profissional. Cinco dos entrevistados percebem sua remuneração como totalmente injusta, considerando as responsabilidades que eles possuem e o perigo a que são frequentemente expostos para combater a criminalidade. Tal fato também foi enfatizado nos estudos de Gonçalves (2014), Minayo (2013) e Sousa e Mendonça (2009).

Os baixos salários podem piorar as condições de vida pessoal, familiar e de saúde (MINAYO, 2013). Por exemplo, Marco se considera impossibilitado de concretizar alguns de seus objetivos por causa da remuneração baixa.

Acaba prejudicando, mas prejudicando não o trabalho em si, prejudica às vezes sua vida social, sua vida em família, às vezes algo que você quer realizar não tem como, não vai dar porque o salário às vezes nesse sentido não compete. (MARCO)

Em relação a como os entrevistados se sentem quando termina o expediente de trabalho, todos expressaram sentimentos negativos tais como o cansaço, estresse, nervosismo e o desgaste físico e emocional. Muitos dos fatores levantados como causadores destes sentimentos estão entrelaçados com a própria organização do trabalho, tais como a sobrecarga de trabalho, a falta de pessoal e a falta de recursos materiais. Foi possível perceber que o sentimento predominante na maioria dos policiais é o cansaço. Para Kaio, o que mais cansa no dia de serviço são as condições em que encontra-se submetido, como a carga horária, o local de trabalho e até as vestimentas que ele deve usar. Conforme citado por ele no relato:

Cansado. Exatamente pelo tempo que são 12 horas nosso turno, é de 12 horas e 12 horas dentro de uma viatura é cansativo, sol quente, a nossa roupa que é desconfortável, mas bastante cansado. (KAIO)

Em relação ao esgotamento emocional que o trabalho pode causar nos policiais, seis dos entrevistados acreditam que não é um fenômeno constante, depende da situação que é vivenciada por eles. Para Harison, um dos causadores desse desgaste emocional é a pressão que a sociedade exerce sobre eles querendo soluções para os problemas, corroborando com Dejours, Abdoucheli e Jayet (2011). Segundo o entrevistado, isto ocorre porque a cidade é pequena e propicia esse contato constante deles com a população. Constantemente, de acordo com Harison essa cobrança é feita até em momentos pessoais dos policiais, em que eles não estão em exercício de suas funções, causando assim um desconforto a eles e privando-os de alguns momentos em sua vida pessoal. Como pode ser verificado no enunciado dele:

E aqui é pequeno, na minha casa acontece muito, às vezes eu tenho que andar na rua com o vidro do carro fechado porque "Ô sargento, e aquele crime e aí?", então é complicado às vezes." (HARISON)

Lucas, Thalles e Harison ressaltam que existem ocorrências mais complexas que são capazes de mexer com emocional deles, tais como os crimes violentos e homicídios. Segundo

Lucas, ele já vivenciou uma ocorrência que abalou seu emocional ao ponto de ele ter que fazer tratamento para se estabilizar novamente para continuar no exercício da sua profissão.

No ano de 1997 atendi uma ocorrência de um estupro de uma criança de 6 anos de idade que ela foi violentada sexualmente posteriormente ele teve seu corpo dilacerado de cima abaixo. Realmente com aquilo fiquei bastante chocado, tive que passar por um tratamento. (LUCAS)

Para Minayo (2013) o apoio psicológico aos policiais faz parte da segurança profissional destes trabalhadores que cuidam da segurança pública, e portanto, não podem ficar descobertos de sua segurança emocional e pessoal. Em seu estudo, a autora destaca que muitos se percebiam desamparados emocionalmente frente às difíceis situações que enfrentavam, porém outros relataram que não queriam ajuda psicológica com medo de serem considerados fracos. Embora não tenha usado a expressão, o caso retratado por Lucas e sua emoção durante a entrevista, revela o intenso sofrimento psíquico vivenciado.

Em relação a interferência do trabalho na vida pessoal dos policiais, quatro deles afirmaram ocorrer essa interferência constantemente. Segundo Harison, na lida com os problemas da comunidade eles acabam por absorver também os problemas para eles. Kaio e Messias acreditam que a interferência ocorre a partir da escala de serviço dos policiais que geralmente os privam do fim de semana de folga e de momentos de lazer. De acordo com Kaio “às vezes interfere porque a gente não tem uma comemoração de família, por exemplo, natal, final de ano”.

Além disso, para Marco, Thalles, Lucas e Messias as condições de trabalho que eles são expostos no dia a dia muitas vezes acabam deixando-os sem paciência com o relacionamento familiar no fim dos expedientes. Neste sentido, o trabalho interfere na qualidade dos relacionamentos familiares dos policiais.

Sobre sentir-se com medo no trabalho, apenas Lucas e Pedro disseram não sentir. Kaio tem medo de falhar na execução de sua função, em razão de que: “um errozinho eu posso matar alguém ou posso ser morto”. O medo de Messias também está relacionado a ter que enfrentar ocorrências em que sua vida é colocada em risco, tal como troca de tiros. Neste contexto, reconhece-se o risco inerente à função. Este é o medo físico (DEJOURS;

ABDOUCHELI; JAYET, 2011) vinculado à fragilidade do corpo quando exposto aos perigos inerentes ao trabalho policial.

Harison possui medo devido a sua função, que muitas vezes requer dele posicionamento frente a colegas de trabalho corruptos, visto que qualquer medida corretiva tomada por ele não reflete apenas no policial corrupto, mas também em sua família. Marco também diz possuir medo de não ser compreendido em suas ações dentro da polícia, ou seja, medo de não ser reconhecido por suas ações em prol da segurança da população. Por último, Thalles possui receio de ser injustiçado em ocorrências de trabalho. Estes são os medos morais (DEJOURS; ABDOUCHELI; JAYET, 2011), ou seja, o medo de ser julgado pelos outros e de não aguentar a situação de pressão e percalços da atividade policial.

Às vezes você está na ocorrência, você participa de toda ocorrência e o outro faz alguma besteira, na hora de punir puni todo mundo. (THALLES)

Neste sentido, ressalta-se que a maioria dos policiais sofre com o sentimento de medo provocado pelas atividades laborais - medo de levar tiro do criminoso, medo do colega corrupto, medo de falhar, medo da incompreensão da população. Os estudos de Dejours (1992, 1996) mostraram que situações em que o medo aflora são responsáveis pelo aparecimento do sofrimento, fazendo com que o policial se sinta incapaz frente às diversas situações de trabalho, que podem ser consideradas convencionais, inabituais ou erradas.

Em termos subjetivos, destaca-se também o conflito entre os valores pessoais e os organizacionais vivenciados por Harison. O policial afirma que por gostar de estar em meio comunitário e colaborar, acredita que uma das dificuldades na profissão é não poder ajudar tanto a população, uma vez que, segundo ele existem coisas que não estão no alcance da PM. Além disso, de acordo com Harison “muitas vezes a PM tem que ser repressiva, eu tenho um pouco dificuldade na questão de repressão”. Neste sentido verifica-se que o sofrimento de Harison se remete a sua subjetividade, ou seja, ele gosta de ajudar e não consegue repreender isto porque alega que é muito amoroso e gosta de estar próximo às pessoas.

A falta de reconhecimento pela sociedade é outro fator percebido como fonte de sofrimento entre os policiais militares entrevistados. Na visão de Lucas e Messias essa falta de reconhecimento é cultural e não uma característica exclusiva da profissão policial. Segundo os

entrevistados, a população brasileira culturalmente enfatiza os erros cometidos e não destaca os esforços empenhados por eles para manterem a segurança pública.

Vivemos hoje em sociedade que infelizmente o máximo que você faz, você faz. O que você faz, as pessoas só olham os pontos negativos (...), você pode fazer 99% para uma situação, aquele 1% que você falhou (...), nós somos muito mais criticados pelo nosso 1% que erramos do que 99% que nós acertamos. (LUCAS)

Marco também mostra sua insatisfação com as críticas recebidas da população. Segundo ele a sociedade “não conhece, não sabe o porquê da atuação, o porquê você atuou, porque você deixou de atuar e mesmo assim crítica.” Como destaca Minayo (2013), em termos teóricos, ninguém questiona a relevância do papel dos policiais na sociedade. Contudo, na prática, em pesquisa com policiais militares e civis do Rio de Janeiro, a autora destacou a falta de reconhecimento social e o sentimento de desvalorização institucional verbalizados pelos pesquisados. Tais achados estão em acordo com os deste estudo e sugerem a premência de formas de gestão que reforcem a valorização destes profissionais pela sociedade e pela própria instituição policial.

O sofrimento oriundo do cansaço físico e mental, dos medos, dos conflitos de valores e do não reconhecimento percebido pelos policiais militares podem desencadear no sofrimento patogênico. As vivências de sofrimento patogênico estão associadas a falta de flexibilidade da organização do trabalho do policial militar, impossibilitando com que esses indivíduos encontrem vias de descarga pulsional nas suas atividades laborais e desencadeando patologias.

No grupo pesquisado, as patologias relatadas foram alopecia, arritmia cardíaca, insônia e estresse. Os entrevistados justificam as patologias desenvolvidas exatamente pela falta de flexibilidade na organização do trabalho decorrente da escala de serviço dos policiais que os privam do fim de semana de folga, o ambiente de trabalho, o serviço extenuante, a falta de hora para comer, ocorrências de longa duração e o uniforme.

De forma geral, percebeu-se que os policiais militares entrevistados são sujeitos às contradições do contexto de trabalho, que um mesmo fator como – a localização da corporação numa cidade de interior – podem ocasionar, ao mesmo tempo, vivências de prazer e de sofrimento no trabalho. Para lidar com as vivências de sofrimento, os policiais militares

desenvolvem estratégias de defesa individuais e coletivas, na busca de evitar o desenvolvimento das patologias citadas e tornando seu trabalho de policial uma vivência emancipadora.

ESTRATÉGIAS E MECANISMOS DE DEFESA

As estratégias de defesa possuem a função de adaptar os trabalhadores às pressões de trabalho buscando minimizar ou ressignificar o sofrimento em prazer, buscando evitar a descompensação mental (MENDES, 2007). Segundo Dejours, Abdoucheli e Jayet (2011) as estratégias coletivas são diferentes dos mecanismos de defesa individuais, considerando que estas não são interiorizadas pelos sujeitos e se mantêm a partir da presença de uma situação externa. Dentre os mecanismos de defesa individuais utilizados pelos entrevistados apresentaram-se o conformismo, a negação, as válvulas de escape e o enfrentamento ao próprio fator de sofrimento buscando superá-lo.

Nos depoimentos de Harison, Pedro, Lucas e Kaio, percebe-se o uso dos mecanismos de conformismo e negação do sofrimento, uma vez que eles aceitam a situação que lhes fazem sofrer de forma passiva, sem ao menos tentar debater e afrontar este incômodo vivido no trabalho e continuam exercendo suas funções da maneira que lhes é possível. De acordo com Kaio, os policiais acabam sendo obrigados a aceitar, já que, segundo ele, “a gente não pode fazer nada, com o tempo a gente tem que engolir”.

Harison e Lucas respectivamente justificam o conformismo através dos discursos “não vou resolver o problema do mundo” e “infelizmente nem Jesus Cristo agradou a todos, não sou eu, não vai ser a nossa corporação que vai agradar”. Neste sentido, os policiais tiram de si e da corporação em que estão inseridos a responsabilidade e a capacidade de resolver estas dificuldades restando apenas aceitarem e conforme Harison, “continuar executando minha função”.

A estratégia de negação ao sofrimento utilizada pelos policiais consiste numa forma de negar a rotina de pressões, cobranças e estresse e seus impactos no bem-estar. Todavia, percebeu-se através dos relatos que o sofrimento está presente, mas a negação torna-se um

meio de mascarar a realidade vivenciada. O sofrimento, no entanto, se manifesta através do adoecimento dos policiais que não atribuem a responsabilidade ao trabalho.

Marco por sua vez para lidar com o sofrimento provocado no trabalho prefere enfrentá-lo. Neste sentido, como o principal fator de seu sofrimento é a falta de reconhecimento e compreensão da sociedade, ele busca mostrar aos indivíduos onde se encontra o erro diante as situações que eles não compreendem e ainda tenta fazer que eles os reconheçam.

Já Thalles e Messias utilizam-se de válvulas de escape para minimizar o sofrimento que lhes é causado no trabalho. Messias procura realizar atividades de lazer, tais como leitura e prática de esportes. Assim sendo, ele procura contentar-se realizando atividades que lhe trazem prazer no ambiente externo a polícia militar, ou seja, nos seus momentos pessoais. Segundo ele, essa é uma forma que ele encontra de descarregar todo estresse ocupacional. Thalles apropria-se da bebida para descarregar o peso psíquico adquirido junto ao trabalho. Como visto no trecho a seguir:

Acaba que tem hora que você acaba bebendo. Tomar uma pinga que resolve.
(THALLES)

Neste sentido, nota-se que a bebida acaba sendo um refúgio, onde o policial se esquia dos sofrimentos vivenciados no trabalho, de forma como se eles já tivessem sido resolvidos e não existissem mais. Assim sendo, a bebida é tratada pelo policial como um mecanismo para se esquecer desses incômodos vividos. No entanto, a válvula de escape não resolve o problema, ou seja, os fatores que alimentam vivências de sofrimento emergem-se novamente logo que eles retomam seu papel de policiais militares.

Além dos mecanismos individuais, os policiais também possuem estratégias coletivas como a cooperação no ambiente de trabalho entre os colegas e chefias, que são utilizadas na tentativa de alterar as situações difíceis vivenciadas no trabalho. Desta maneira, conforme Marco através desse mecanismo os policiais se juntam cooperando uns com os outros, com objetivo de ajudar os companheiros de serviço a enfrentar o sofrimento vivido. A seguir o depoimento de Marco acerca dessa cooperação que ocorre entre eles.

No decorrer do trabalho acaba que as vezes você passa por algumas situações [...]. Nesse sentido então você vê que a pessoa fica abalada com isso. Então você tem que abraçar junto com ele, trazer ele pra perto, visitar a família para ver como está.
(MARCO)

Todavia, nota-se que através das defesas utilizadas pelos indivíduos para lidar com o sofrimento vivenciado no trabalho, ele ainda não é extinto. Isto ocorre uma vez que na maioria dos mecanismos utilizados tais como o conformismo, desprezo, válvulas de escape e cooperação, o sofrimento não é tratado em sua causa principal. Neste sentido, percebe-se a eficiência dos mecanismos de defesa utilizados pelos policiais mais na minimização do desprazer do que na eliminação do sofrimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ressalta-se o papel central que o trabalho ocupa na vida dos policiais pesquisados, uma vez que o trabalho permite o bem-estar e realização da maioria deles, servindo como um fator de satisfação e apreço. Neste sentido, o trabalho destes policiais se configura como gerador de vivências de prazer. Todavia, além deste contexto de prazer no trabalho destes policiais observou-se questões relacionadas às vivências de sofrimento.

Para os policiais pesquisados estar na polícia é um fator de prazer, seja pelo local de trabalho ou por sonhos nutridos desde crianças. O local de trabalho torna-se prazeroso em virtude da própria estrutura da cidade, que é adequada para as suas vidas pessoais e profissionais, sendo caracterizada como uma cidade ainda tranquila se comparada outras que os policiais já trabalharam. Gostar da profissão também está ligada às vivências de prazer, estando este apreço vinculado à vocação, sonho, adaptação, adrenalina da função e a possibilidade de ser útil para a sociedade. Poder ajudar a população e se sentir útil é um fator de contentamento dos policiais. Quanto ao reconhecimento no trabalho pelos colegas de profissão e chefias, este ocorre através dos benefícios oferecidos, do salário, do bom convívio diário, das folgas, de nota meritória e de elogios. Já o reconhecimento familiar ocorre por meio do apoio, preocupação, afeto, compreensão, entre outros fatores. Por fim, a carga de trabalho adequada é também uma circunstância de exaltação dos policiais no trabalho, uma vez que poupa-os de esforços excessivos.

Mesmo com a leve carga de trabalho, o trabalho ainda vem sendo capaz de causar cansaços nos policiais, ainda que mais mental do que físico. Além disso, muitos fatores no trabalho causam esgotamento emocional nos profissionais, tais como a cobrança da

população, a falta de reconhecimento da sociedade, as ocorrências mais complexas, a escassa estrutura policial da cidade com poucos policiais e recursos materiais e a interferência dos fatores profissionais na vida pessoal. As leis ineficientes também foram apontadas, uma vez que elas não contribuem para eficiência do trabalho deles. A remuneração foi considerada injusta comparada aos riscos que eles se expõem e os esforços que despendem no exercício da função. Em relação aos medos sentidos pelos policiais provocados pelo trabalho, estes orientam-se para a apreensão de serem atingidos por um tiro, incertezas perante a corrupção do colega de trabalho, insegurança de falhar e receio da incompreensão da população

Para lidar com as vivências de sofrimento, as estratégias e mecanismos de defesa utilizados pelos policiais são: a aceitação dos sofrimentos, o desprezo deles, as válvulas de escape para descarregar os pesos negativos e o próprio enfrentamento ao sofrimento buscando eliminá-lo. Já no âmbito coletivo, os policiais utilizam da cooperação como estratégia para auxiliar os colegas de trabalho a superar as dificuldades no ofício.

Esta pesquisa também se revela através dos seus resultados, uma vez que tinha-se o pressuposto que com o aumento da violência e da criminalidade nas cidades do interior crescia-se também o sofrimento dos policiais com o serviço, porém percebeu-se que, para a maioria dos policiais, não gerou influência em suas relações com o trabalho. Para eles, este crescimento da criminalidade e da violência na cidade do interior ainda não é levado em conta, já que eles estão habituados a cenários de cidades maiores e mais violentas que não se comparam à cidade estudada. Desta forma, trabalhar em uma cidade pequena é associado a vivências de prazer pelos policiais militares.

Considera-se que ao estudar as vivências de prazer e de sofrimento dos policiais militares de uma cidade do interior foi possível fornecer subsídios para a compreensão de como os próprios policiais militares constituem coletivamente seu sofrimento e seu prazer, e buscam mecanismos de transformação da situação vigente. Destaca-se, que o fato de trabalharem numa cidade pequena, mesmo com a interiorização do crime, se apresenta, para a maioria, como um destes mecanismos de transformação. Destacamos, também, que apesar das vivências de prazer e de sofrimento serem dialéticas, foi possível identificar elementos da organização do trabalho na corporação estudada que contribuem mais para uma do que para a outra. Por exemplo, a carga horária de trabalho contribui mais para a vivência de prazer e o

quantitativo dos recursos humanos e físicos da corporação na cidade mais para a vivência de sofrimento.

Ao refletirem sobre seu próprio trabalho, sobre a organização do seu trabalho, acredita-se que os próprios policiais militares possam compreender a relação subjetiva do seu trabalho e de sua saúde mental. Ao discutir, ao verbalizarem suas vivências e suas estratégias, os policiais militares pesquisados podem ter descoberto coisas sobre seu trabalho que eles desconheciam. O fato de compartilharem seus sofrimentos, prazeres e estratégias, via publicação do estudo, pode abrir caminhos de reconhecimento também para outros policiais militares que não participaram desta pesquisa.

No que se refere às limitações desta pesquisa é que não se cumpriu todas as etapas da pesquisa-ação, como método de pesquisa indicado pelo próprio Dejours (2014) e ratificado em sua entrevista publicada por Macedo e Heloani (2017). A primeira etapa que seria a constituição da demanda não aconteceu a partir dos próprios policiais militares. A pesquisa foi apresentada e discutida com eles e com os superiores já num movimento de pré-pesquisa. Outra limitação é que os dados foram coletados a partir de entrevistas semiestruturadas individuais e não de sessões em grupo. Tal fato aconteceu por demanda dos próprios participantes que, por ser uma corporação com poucos policiais, não tiveram disponibilidade de fazer a atividade coletivamente. Sugere-se para estudos futuros, a realização dessa pesquisa, utilizando-se todas as etapas da pesquisa-ação, em outras cidades do interior que vêm sofrendo esse aumento da criminalidade e da violência, possibilitando assim uma ampliação a respeito das percepções dos policiais militares de cidades interioranas em relação ao prazer e sofrimento vivenciados em seus trabalhos.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil (1988)**. Promulgada em 05 de outubro de 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 10 de outubro de 2017.

CARMO, J. G. M.; GUIMARÃES, L. V. M.; CAEIRO, M. L. Prazer e sofrimento no trabalho: vivências de mulheres soldados da PMMG. **Farol-Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, v. 3, n. 8, p. 1313-1357, 2016.

DASHTIPOUR, P.; VIDAILLET, B.. Work as affective experience: The contribution of Christophe Dejours'psychodynamics of work'. **Organization**, v. 24, n. 1, p. 18-35, 2017.

DEJOURS, C. **A banalização da injustiça social**. 7. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

DEJOURS, C. **A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho**. 5.ed. São Paulo: Cortez; Oboré, 1992.

DEJOURS, C.. **Fator Humano**. FGV Editora, 2ª Reimp. 2005.

DEJOURS, C. Psicodinâmica do trabalho e teoria da sedução. Traduzido por: Gustavo A. Ramos Mello Neto. **Psicol. estud.**, vol.17, n.3, p.363-371, set. 2012.

DEJOURS, C. Subjetividade, trabalho e ação. **Revista Produção**, São Paulo, v. 14, n.3, p. 27- 34, 2004.

DEJOURS, C. Uma nova visão do sofrimento humano nas organizações. In: CHANLAT, Jean-François (Coord.). **O indivíduo na organização: dimensões esquecidas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

DEJOURS, C.. Work and self-development: the point of view of the psychodynamics of work. **Critical Horizons**, v. 15, n. 2, p. 115-130, 2014.

DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. **Psicodinâmica do trabalho: Contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho**. 1. ed. – 12. reimpr. – São Paulo: Atlas, 2011.

DUARTE, A.; DEJOURS, C.. Le harcèlement au travail et ses conséquences psychopathologiques: une clinique qui se transforme. **L'Évolution Psychiatrique**, v. 84, n. 2, p. 337-345, April-June, 2019.

FERREIRA, L. B.; SANTOS, M. A. F.; PAULA, K. M.; MENDONÇA, J. M. B.; CARNEIRO, A. F. Risco de Adoecimento no Trabalho: Estudo com Policiais Militares de um Batalhão de Polícia de Brasília. **Gestão e Sociedade**, v. 11, n. 29, p. 1804-1829, 2017.

GONÇALVES, M. de C. M. **Sofrimento policiais: Análise psicodinâmica do trabalho em uma delegacia de polícia civil do Distrito Federal**. Brasília: Universidade de Brasília, 2014.

GRIZA, A.; CAVEDON, N. R. Como se Dá a Segurança de quem Trabalha com a Segurança Pública? O Trabalho Policial, Medos e Privações . **Revista Economia & Gestão**, v. 16, n. 43, p. 51-76, 2016.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Censo Demográfico 2010. Disponível em:<<https://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=312600&search=minasgerai%5Bflorestal%5Dinfograficos:-informacoes-completas>>. Acesso em: 10 de outubro de 2017.

JACQUES, M. G. C.; CODO, W. **Saúde mental & trabalho: leituras**. Petrópolis: Vozes, 2011.

LANCMAN, S.; BARROS, J. O.; UCHIDA, S.; SZNELWAR, L. I. La PDT comme contribution aux politiques publiques au Brésil: des réflexions sur la démarche et son insertion dans le contexte universitaire à São Paulo. **Travaille**, n. 1, p. 17-30, 2019.

MACÊDO, K. B.; HELOANI, R.. A arqueologia da psicodinâmica do trabalho no Brasil. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 21, n. 1, p. 45-59, 2018.

MACÊDO, K. B.; HELOANI, R.. Introdução e expansão da Psicodinâmica do Trabalho no Brasil: entrevista com Dejours. **Psicologia em estudo**, v. 22, n. 3, p. 497-502, 2017.

MACHADO, C. E.; TRAESEL, E. S.; MERLO, Á. R. C.. Profissionais da Brigada Militar: vivências do cotidiano e subjetividade. **Psicologia Argumento**, v. 33, n. 81, 2017.

MENDES, A. M.; CRUZ, R. M. Trabalho e saúde no contexto organizacional: vicissitudes teóricas. In: TAMAYO, A. (Ed.). **Cultura e saúde nas organizações**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MENDES, A. M. **Psicodinâmica do trabalho: teoria, método e pesquisas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento**. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

MINAYO, M. C. de S.; SOUZA, E. R. de. **Missão investigar: entre o ideal e a realidade de ser policial civil**. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

MINAYO, M. C. de S. Valorização profissional sob a perspectiva dos policiais do Estado do Rio de Janeiro. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 18, n.3, p. 611-620, 2013.

MORRONE, C. F. **Só para não ficar desempregado: ressignificando o sofrimento psíquico no trabalho: estudo com trabalhadores em atividades informais**. 2001. 141 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade de Brasília/UNB, Brasília, 2001.

NASCIMENTO, T. G.; TORRES, C. V.; CASTRO, B. G. A. Escala de Identidade Profissional Policial Militar (EIPPM): Evidências de Validade Fatorial e Preditiva. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 9, n. 2, p. 142-166, 2015.

OLIVEIRA, J. N. de; MENDES, A. M. Sofrimento Psíquico e Estratégias Defensivas Utilizadas por Desempregados: Contribuições da Psicodinâmica do Trabalho. **Trends in Psychology / Temas em Psicologia**, v. 22, n. 2, p. 389-399, 2014.

OLIVEIRA, T. S. de; FAIMAN, C. J. S.. Ser policial militar: reflexos na vida pessoal e nos relacionamentos. **Revista Psicologia Organizações e Trabalho**, v. 19, n. 2, p. 607-615, 2019.

SILVA, V.. Exclusão e violência letal: Interiorização da violência homicida no Brasil. **Política & Trabalho**, n. 42, p. 255-268, 2015.

SOUSA, I. A. de C. M. de O.; MENDONÇA, H. Justiça organizacional, prazer e sofrimento no trabalho: análise de um modelo mediacional. **RAM, Rev. Adm. Mackenzie** (Online), vol.10, n.4, p.57-74, ago. 2009.

SOUZA, E. R. de et al. Fatores associados ao sofrimento psíquico de policiais militares da cidade do Rio de Janeiro, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 28, n.7, p.1297- 1311, jul, 2012.

SPODE, C. B.; MERLO, A. R. C. Trabalho policial e saúde mental: uma pesquisa junto aos Capitães da Polícia Militar. **Psicologia: reflexão e críticas**. v. 19, n.3, p. 362-370, 2006.

STAKE, Robert E. **Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam**. Penso Editora, 2016.

WAISELFISZ, J. J. **Mapa da violência: homicídios por armas de fogo no Brasil**. São Paulo: Instituto Sangari, 2016.

WINTER, L. E.; ALF, A. M.. A profissão do policial militar: vivências de prazer e sofrimento no trabalho. **Revista Psicologia Organizações e Trabalho**, v. 19, n. 3, p. 671-678, 2019.

Submetido em: 18/07/2019

Aprovado em:06/12/2019